

Reflexão sobre as reformas educativas em estratégia não há espaços vazios

A solução da Escola do presente não está na restauração da Escola do passado, nem nas mudanças “cirúrgicas” que, apesar de parecerem muito modernas, não entendem toda a interdependência das alterações necessárias para que uma escola se torne espaço de inclusão, de equidade, de cidadania e de solidariedade.

Visitei uma vez mais a Escola da Ponte, em Vila das Aves. Pela primeira vez desde que mudou para um edifício de excelente qualidade arquitetónica, que há muito os seus docentes e alunos mereciam. O provérbio popular que defende que “um bom artista trabalha com qualquer ferramenta” não passa de uma desculpa esfarrapada para não dar aos artistas as ferramentas de que eles precisam e que merecem para fazerem o seu trabalho!

Os recursos de espaço, de conforto, de mobiliário, etc., de que uma escola dispõe não são acessórios descartáveis; são elementos integrantes da qualidade educativa total que ela proporciona. Este conforto e qualidade do ambiente são meios que podem proporcionar um trabalho pedagógico mais fácil e sobretudo menos dispendioso em energia inútil para tentar remendar e improvisar situações desadequadas. Sabemos que há exceções, mas não as confundamos com a regra. Fiquei, pois, muito feliz com a nova casa da ‘Ponte’. Sei que nem tudo são aspetos positivos. O desenraizamento da antiga comunidade, a negociação com outros projetos pedagógicos contíguos são, entre outras, dificuldades que é preciso encarar para além da luz das novas instalações.

Mas o projeto está lá: a mostrar que a ‘Ponte’ não é um prédio, mas uma ideia com os pés no presente e o olhar lá longe, no futuro das crianças, das famílias e dos profissionais que cimentam esta comunidade educativa ímpar em Portugal.

Como sempre, saímos da ‘Ponte’ a matutar... A pergunta mais imediata que a mim e a muitos pedagogos se coloca é por que não há muito mais escolas como esta? É uma pergunta imediata, mas de resposta difícil, sobretudo se a quisermos analisar nas suas intrincadas implicações. Conhecendo a amplitude e a complexidade do assunto, assim mesmo, gostaria de partilhar uma reflexão do lado das respostas.

Há alguns anos quando se discutia a permanência de Portugal na NATO [Organização do Tratado do Atlântico Norte], alguém lembrou que “em estratégia não há lugares vazios”. Queria-se dizer que, no caso de Portugal sair da NATO, a jurisdição e o controlo que detinha sob os espaços aéreos seriam assumidos por outro país. Se assim acontecesse, ouviríamos certamente inúmeras vezes – talvez até as mesmas que tinha pedido o abandono da aliança militar – a lamentar que Portugal se tinha enfraquecido e fora desapoderado de uma capacidade que tinha antes.

E o que tem isto a ver com a Escola da Ponte? Tento explicar.

Repensar o trabalho de aprender e de ensinar

A reforma da Educação no sentido de a tornar mais equitativa, mais inclusiva e mais próxima de favorecer a participação e sucesso de todos os alunos é uma reforma que não pode ser vista como um acrescento ao que existe, mas sim como uma alternativa à realidade existente. Por vezes, e de forma um pouco ingénua, procuramos promover novas práticas educativas como se a Escola estivesse ansiosa, sequiosa e carente destas novas filosofias e práticas. E talvez esta crença seja um dos motivos principais do insucesso de projetos de inovação. É que, na verdade, a Escola não está “vazia” e “carente” de reformas – qualquer escola encontrou já uma lógica, um pensamento, um *modus faciendi*, para resolver as questões que as reformas educacionais pretendem melhorar. As reformas educacionais não atuam em espaços vazios, mas sim em espaços que já estão ocupados, com lógicas e com práticas que são quase sempre consideradas satisfatórias ou vistas como inevitáveis (tem de ser...). Os projetos de melhoria das escolas tentam assim influenciar espaços educativos já preenchidos por ideologias e práticas. Por isso, as mudanças e acrescentos circunscritos e pontuais não encontram espaço disponível. Teremos certamente de “repensar o trabalho de aprender e de ensinar” (P. Perrenoud) de uma forma global e totalizante, sabendo que a solução da Escola do presente não está nem na restauração da Escola do passado, nem tão pouco nas mudanças “cirúrgicas” que, apesar de parecerem muito modernas, não entendem toda a interdependência das alterações necessárias para que uma escola se torne num espaço de inclusão, de equidade, de cidadania e de solidariedade para todos os alunos.

As reformas educacionais não podem assumir que o seu espaço de atuação está vazio e recetivo. Trata-se de conceber e desenvolver as reformas no quadro de uma dialética, de um debate permanente e desafiante das ideias e das práticas que se encontram instaladas. Uma reforma que não se queira embutir de forma parcelar nos espaços existentes, mas que crie amplos espaços de reflexão e de alteração substantiva das finalidades e heurísticas da Educação. E daqui se podem extrair duas conclusões muito simples:

- 1) não é possível pensar reformas educacionais sem partir da realidade das escolas, isto é, dos lugares que, estando já habitados, precisam de mudar de inquilino,
- 2) toda a organização da Escola deve ter por objetivo central as aprendizagens dos alunos, obviamente vistos como pessoas com conhecimento próprio e merecedoras de confiança.

Uma vez mais, obrigado, Escola da Ponte! Estamos ao vosso lado, porque vocês acreditaram na Educação antes de a Educação ter acreditado em vocês!

David Rodrigues